

# Turismo responsável: caminhos possíveis?

Cassiana GABRIELLI<sup>1</sup>

**Resumo:** A presente comunicação foi criada com o intuito de traçar breves discussões sobre a forma como o turismo tem se desenvolvido e sido planejado na atualidade, buscando evidenciar aspectos divergentes e convergentes entre o turismo tradicional e suas formas alternativas. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para embasar as ponderações sobre como a atividade se constituiu e como as mudanças sociais ocorridas, especialmente com o advento da tecnologia, tem propiciado novos modos de vivenciar as experiências turísticas e como o mercado tem se comportado no sentido de absorver tais modificações. No texto são abordados conceitos sobre o turismo, desenvolvimento, pós-modernidade e planejamento, como a finalidade de propor reflexões críticas sobre como o turismo pode vir a ser realmente desenvolvido de modo responsável.

**Palavras-chave:** Turismo responsável. Desenvolvimento turístico. Planejamento.

As viagens, como deslocamentos, fazem parte da cultura humana, sendo um importante elemento no desenvolvimento das sociedades ao longo da história. Pois, foi através das movimentações pelos territórios que diferentes povos entraram em contato, se fundiram e/ou se disseminaram, e assim cunharam suas identidades culturais e definiram fronteiras físicas e sociais que são válidas até a atualidade. Porém, como é sabido, as viagens só passam a ser reconhecidamente organizadas, dotadas de regras para sua execução, focadas em atender determinadas demandas, especialmente o lazer, no século XIX. Nesse período foram registrados os primeiros trabalhos com finalidade de proporcionar viagens de lazer para grupos de pessoas que realizariam uma série de atividades (deslocamento, alojamento, alimentação e passeios) concomitantemente.

É nessa época também que as sociedades ocidentais estão passando por um de seus marcos mais importantes, a revolução industrial. Com a revolução, vieram seus desdobramentos, - o êxodo rural e a consequente concentração populacional urbana; o desenvolvimento das máquinas a vapor, nesse caso, especialmente, dos meios de transportes como trens e navios; e o surgimento de novas classes sociais formadas pela burguesia e pelo proleteriado, entre outros, são apenas algumas consequências mais evidentes a se relacionarem diretamente com o desenvolvimento do turismo.

A aglomeração urbana, geralmente, desordenada, resultou em um cenário marcado por barulho, poluição do ar, lixo, tráfego e construções padronizadas que levaram a uma certa rotina existencial, fazendo surgir nas pessoas uma necessidade de evasão, mesmo que temporária, daqueles centros. Ao mesmo tempo, os transportes se modernizavam, a inserção do vapor, nesses meios, fez com que se tornassem não apenas mais rápidos como também mais confortáveis e seguros, além de econômicos.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda junto ao PPGTUR UFRN. Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo (UFBA). Mestre em Cultura & Turismo (UESC/UFBA). Bacharel em Turismo (UFPR). Email: cassiana.gabrielli@gmail.com

Já o surgimento da burguesia é carregado de um número expressivo de consequências peculiares a esta revolução social. No entanto, atrelando-a ao desenvolvimento do turismo, percebe-se que é por causa do nascimento dessa nova classe que algumas iniciativas em direção ao fomento desta atividade são tomadas. Numa sociedade hierarquizada, onde no cume sempre figurou a nobreza e a aristocracia tradicional, viu-se apontar, próximo ao topo da pirâmide social, uma classe destituída de tradições. Em busca de diferenciações, as quais distinguissem a nobreza desses “novos ricos”, uma das criações foram as viagens a termas e balneários, utilizados a princípio, apenas para o tratamento de saúde e, posteriormente, para jogos, descanso e lazer de uma forma geral. Cria-se então a *invenção da distinção* (BOYER, 2003).

Sim, é válido pontuar que ainda no início das atividades que caracterizam o turismo, existiram outras formas de viagens, como o famoso *grand tour*, que eram deslocamentos de jovens aristocratas europeus que realizavam deslocamentos pelas principais cidades do continente, acompanhados por tutores, a fim de qualificar seus conhecimentos. Ou ainda as viagens de nobres e burgueses para balneários marítimos, que também pontuam, de certo modo, o início do turismo moderno.

Porém, apesar de haver iniciativas de deslocamentos que não eram focados em grandes grupos, organizados mercadologicamente, evidencia-se apenas a distinção social presente nas viagens, que também são perceptíveis no mercado turístico até os dias de hoje. Como aponta Urry, “antes, porém, do século XIX, poucas pessoas que não as de classes superiores realizavam viagens para verem objetos, motivadas por razões que não dissessem respeito ao trabalho ou aos negócios” (2001, p. 20).

Ou seja, o desenvolvimento do turismo moderno está vinculado a popularização dessa atividade, à sua vertente “de massa”. Pois, além do surgimento da burguesia, a nova realidade industrial gerou também outra classe social, esse bem mais numerosa e com menos recursos, o proletariado. Apesar de não haverem condições propícias para que grande parte dos trabalhadores usufruíssem de seu tempo livre, observa-se que nesse período a distinção entre tempo de trabalho e tempo de ócio, ou de lazer, se torna evidente. Pois, até então, trabalho e vida pessoal se mesclavam nos ofícios desenvolvidos livremente, como lavoura, trabalhos manuais, afazeres domésticos e outros.

Com a posterior inserção de direitos trabalhistas para a nova população urbana, como direito a férias remuneradas, descanso semanal, jornadas de trabalho limitadas, entre outros, além das políticas de bem-estar social implementadas por muitos Estados, também essa classe passou a ter interesse por viagens de lazer. Consequentemente, ao adentrarem a sociedade do consumo, o proletariado se torna alvo de estratégias de mercado que popularizaram definitivamente o turismo. Esse movimento inicialmente percebido na Inglaterra, logo se espalhou pelo continente europeu e para o restante do ocidente.

Percebe-se que a ideia de grupo está intimamente relacionada ao desenvolvimento do turismo moderno, desde sua concepção. Assim como, também as relações de mercado se fazem presentes na compreensão dessa atividade, desde o seu início. Ou seja, a organização de viagens na atualidade, ocorre, majoritariamente, orientada por relações comerciais a fim

de atender uma grande quantidade de pessoas simultaneamente, constituindo-se assim aquilo que conhecemos por turismo hegemônico ou tradicional. É importante frisar também, que o turismo reflete e corrobora com condições socioculturais das sociedades onde se desenvolve, sendo um elemento importante para apreciação de situações mais amplas. Como pontua Urry,

Ao refletir sobre os objetos típicos do olhar do turista, poderemos utilizá-los para entender aqueles elementos da sociedade mais ampla com os quais eles contrastam. Em outras palavras, levar em consideração como os grupos sociais constroem seu olhar turístico é uma boa maneira de perceber o que está acontecendo na “sociedade normal”. Podemos recorrer ao fato da diferença para interrogar o normal através da investigação das formas típicas de turismo. Assim, em vez de constituir um tema banal, o turismo é significativo em sua capacidade de revelar aspectos de práticas normais, que, caso contrário, poderiam permanecer opacas. (2001, p. 17)

Em tempos de grande disseminação tecnológica, especialmente na comunicação virtual, percebe-se que as sociedades, em geral, estão encarando algumas mudanças que ainda estão em curso, mas já mostram suas direções. Uma delas, sem dúvidas, é o acesso mais democrático a informação e ao conhecimento. Novos espaços e plataformas de debates são criados propiciando a interação de pessoas e pensamentos que até então encontravam-se distantes e ou isolados.

Nessa época de frequentes atualizações, as informações encontram-se dispersas nos mais diversos meios. Comunicação, artes e ciências passam a fazer parte de um emaranhado, no qual todos se interceptam e se complementam, divergem e convergem, caracterizando-se como elementos constituintes de uma forma mais abrangente, que é a cultura dos povos.

Dentro dessa conjuntura, classes e grupos sociais, que pouco eram ouvidos, passam a ter voz ativa, conjugando-se e divergindo a fim de ter uma maior participação e reconhecimento na estruturação da ordem global. Hoje em dia, é possível perceber e debater mais claramente os modos como o pensamento hegemônico se dissemina, sendo possível aprofundar as discussões sobre suas origens e consequências. Embora ainda estejamos longe de ter direcionamentos realmente democráticos, a ampliação dos espaços de debate já é um elemento importante nesse caminho.

Luzia Neide Coriolano, debatendo a noção de desenvolvimento relacionada ao turismo, percebe algumas mudanças nesse sentido.

No limiar do século XXI emergem experiências em contraponto ao desenvolvimento globalizado, realçando o local, o conhecimento, as organizações cooperativas e participativas, como resistência ao global. Associações e empresas que se pautam em valores diferenciados para a promoção de outro desenvolvimento fundamentado na economia solidária, economia de comunhão e economia criativa, cooperativismo. Assim modelos alternativos de desenvolvimento minam o modelo hegemônico, buscando sustentabilidade econômica associada à socioambiental, com compromisso e postura ética. (2013, p. 134).

Evidentemente que são diversos fatores que convergem para que as dinâmicas sociais sofram alterações, mas, de modo geral, a ampliação do debate, o acesso a novas formas de pensar, antes, muitas vezes reclusas a academia ou a regiões específicas, e mesmo a aceitação de novas formas de produzir conhecimento, buscando encerrar velhas dicotômias clássicas da modernidade são fundamentais para tais alterações.

As modificações estruturais referentes à sociedade, economia e tecnologia, em seu conjunto, podem ser designadas como características da sociedade pós-industrial para alguns autores e/ou pós-moderna para outros. Para embasar uma reflexão coerente sobre a condição do turismo nesse meio, cabe aqui a colocação de Urry (2001) versando sobre a pós-modernidade, a qual ele afirma designar um sistema de signos ou símbolos, específico no tempo e no espaço, sendo que tal termo não se aplica a toda sociedade, nem a uma esfera de atividade específica, mas, principalmente, a uma série de mudanças culturais vigentes na contemporaneidade.

Originada, dentro do capitalismo liberal contemporâneo, a identidade pós-moderna revela-se centrada em torno do consumo, do lazer e da imagem. Numa sociedade, em que a efemeridade é imperativa, o consumismo torna-se um ideal praticado pelos mais diversos grupos de acordo com seus variados contextos. E é, dentro desse consumismo exacerbado, característico da contemporaneidade, que o lazer configura-se como um recurso essencial. Se, durante o período industrial havia uma separação nítida entre público e privado, entre cultura popular e elitizada, entre lar e local de trabalho, entre o tempo livre e o tempo de trabalho, e tantas outras dicotomias características desse período, verifica-se que, na pós-modernidade, a desdiferenciação torna-se o mote central, onde vários elementos constituintes das identidades pessoais e coletivas se interpenetram e se complementam, possibilitando que, de um modo geral, as pessoas detenham maior atenção ao tempo de não-trabalho, que tende a aumentar, de acordo com as perspectivas contemporâneas.

No estágio atual de desenvolvimento tecnológico, juntamente com o crescimento vertiginoso da classe prestadora de serviços, a atuação humana tende a se limitar, cada dia mais, às atividades intelectuais criativas, as quais, aliadas aos meios de transmissão de informações, permitem maior flexibilidade quanto a tempo e espaço para serem executadas, possibilitando uma re-organização das atividades sociais. Em paralelo a tal re-organização social do trabalho, o já citado acesso facilitado a diversos meios de comunicação, faz com que as informações se tornem abundantes e circulem em escala mundial, conseqüentemente, despertando atenção de pessoas das mais variadas culturas para o que acontece nos mais recônditos lugares.

Essa grande gama de opções do que ver e saber fez com que muitas pessoas passassem a se dar conta da grande heterogeneidade cultural até então apenas imaginada. Quando se fala em pós-moderno, seja na arte, na arquitetura, na cultura, no texto literário, na economia, na política ou na família, está se falando da aceitação da coexistência e da mistura de códigos e de mundos, do reconhecimento da heterogeneidade que existe na sociedade contemporânea; mas sobretudo de uma heterogeneidade que agora se quer

reconhecida como legítima. No pós-modernismo, a pluralidade, o particular e o local contrapõem-se a idéias de unidade, de geral e de universal, que constituem o eixo do modernismo. (VAITSMAN, 1994, p. 43)

Se, na sociedade industrial, a massificação e a homogeneização foram o fio condutor da produção, agora, na pós-modernidade, após reconhecer a diversidade e a imensidão das opções possíveis, as pessoas buscam, cada vez mais, as diferenças, seus próprios arranjos, promovendo-se a si mesmas como únicas, não aceitando estar apenas imersas numa massa homogênea. Dessa nova necessidade de distinção, quando as pessoas, mesmo dentro de grupos afins, precisam ser percebidas diferentes, individualmente, e se encontram frente a uma infinidade de opções de escolhas, emana a subjetivação atual.

Assim a valorização da imagem, presente na sociedade contemporânea, através dos meios de comunicação, um dos principais motrizes vigentes, atingiu escalas jamais verificadas em outros estágios da civilização humana. Baudrillard (1995) afirma que, na contemporaneidade, a produção de mercadorias foi substituída pela produção de signos e imagens, e ainda sugere que, na sociedade atual, as imagens e signos veiculados por meios comunicacionais massivos são o centro da organização da vida cotidiana, criando desejos, em um tempo, extremamente, volátil.

Esse “novo” modo de ser e estar no mundo, ou na sociedade, se reflete também na prática do turismo. Se até então o turismo tradicional, focado em grandes estruturas voltadas para o atendimento em massa, pautado apenas na distinção de grupos, ou seja, os lugares que cada grupo frequenta, que tipo de transporte ou alojamento usam, etc, era preponderante, verifica-se um crescimento significativo de interesse por formas alternativas de turismo.

Evidente que modos alternativos de viagens sempre existiram, inclusive há algum tempo se discute a diferenciação entre viajantes e turistas. Os viajantes, no senso comum, seriam aqueles que buscam experiências individualmente, que pouco, ou nada recorrem às estruturas do mercado turístico, seja para planejar e organizar seus deslocamentos, seja para apoiá-lo durante suas estadias. Numa compreensão mais teórica, os viajantes são as pessoas que viajam por outros motivos, que não turísticos, como tripulações, migrantes, membros de corpos diplomáticos, entre outros. Já os turistas são aqueles “consumidores padrão” que, de forma organizada ou não, buscam os serviços oferecidos pelo *trade* para a consumação de suas viagens.

Porém, dentro de uma concepção mais ampla do turismo, esse tipo de discriminação não é cabível. Se consideramos o turismo como

Combinação complexa de inter-relacionamentos entre a produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com base histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade e trocas de informações culturais. O somatório desta dinâmica sócio-cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico. (Moesch, 2000, p.09)

Ou seja, apesar de os “viajantes” não, necessariamente, buscarem os equipamentos e serviços voltados especificamente para esse fim, não deixam de fazer parte do fenômeno turístico. Pois, utilizando ou não tais estruturas, promovem interações sociais e trocas culturais com as comunidades receptoras, causam impactos no ambiente físico, geram maiores ou menores intercâmbios econômicos, além de compartilharem experiências com outros viajantes/turistas antes, durante e/ou depois dos deslocamentos.

Assim, verifica-se que paralelamente ao crescimento do turismo tradicional, tem-se observado também o desenvolvimento de formas alternativas de turismo, ou, mais comumente, chamado de turismo alternativo. Este se contrapõe ao primeiro especialmente em dois aspectos, o da demanda – que procura produtos e destinos menos homogeneizados, valorizando as peculiaridades de cada local e, muitas vezes, uma interação mais próxima com as comunidades visitadas; e o da oferta – em que o turismo tradicional figura sobremaneiramente ancorado em equipamentos privados que, em geral, promovem uma reconfiguração dos territórios colocando a população nativa à margem dos espaços turistificados, enquanto nas formas alternativas de turismo, sendo muitas vezes a configuração territorial e cultural os próprios atrativos, procura-se mantê-las e valorizá-las do modo original.

Apesar de se pontuarem algumas distinções entre o turismo tradicional e o turismo alternativo, é importante esclarecer que um e outro seguem os mesmos princípios básicos. Exigem o deslocamento até o local de consumo, necessitam de equipamentos de transporte, alojamento e alimentação, envolvem impactos sociais, culturais, ambientais e econômicos. As diferenças residem na intensidade desses impactos, especialmente para a comunidade receptora, mas também para os visitantes.

Tem-se como exemplo de turismo alternativo, as iniciativas de turismo de base comunitária (TBC) ou turismo comunitário (TC), alguns projetos de ecoturismo, determinadas ações de turismo de experiência, dentre outras que podem ser elencadas como diferentes do padrão hegemônico. Nesses casos, o que se observa é que embora o modo de fazer entre o tradicional e o alternativo seja o mesmo, as estruturas e objetivos se diferenciam.

Enquanto no turismo tradicional se procura massivamente por hotéis de redes, ou não, ou pousadas, na prática do turismo alternativo se procuram por meios de hospedagem onde haja uma maior aproximação com os anfitriões, ou com a natureza, sendo muito valorizados os campings e/ou as hospedagens domiciliares (pagas ou não). No turismo tradicional os turistas muitas vezes ainda se isolam em *resorts* ou ônibus de turismo, tem suas relações com a população autóctone mediadas por guias e muitas vezes restritas aos prestadores de serviços (receptionistas, vendedores, garçons, taxistas, etc). Nas formas alternativas de turismo, não existe uma mediação, se busca um contato direto e mais próximo com diversos atores locais, idenpendentemente desses estarem relacionados ao *trade* turístico ou não.

Não se trata de opor uma “forma” de turismo a outra, valorizando uma em detrimento de outra, mas sim de propôr reflexões sobre as intersecções e a possibilidade de uma forma de turismo poder beneficiar a outra. O desenvolvimento turístico, seguindo, a lógica do

desenvolvimento global, foi pautado por iniciativas neoliberais que viram nessa atividade uma oportunidade de dinamização econômica e acúmulo de capital, focando suas ações no mercado. Disso resultou uma exploração desigual, que fez com que muitos países e/ou regiões (dentro de um mesmo país) sofressem processos desiguais e, em muitos casos exploratórios, visando apenas o viés econômico da atividade em detrimento dos impactos sociais e culturais.

Apesar das ideias sobre desenvolvimento estarem muito arraigadas ao crescimento econômico, nota-se que por volta da década de setenta do século passado, o elemento humano passa a ser considerado com maior ênfase nas teorias do desenvolvimento. Boisier (1999, p.5) aponta que essas passam a ser vistas como “um conceito complexo, profundamente axiológico, multidimensional, construtivista, qualitativo em sua essência e consequentemente intangível”<sup>2</sup>. Fica assim registrada a distinção entre crescimento e desenvolvimento, considerando o último em toda sua complexidade e abrangência.

Seguindo tais pressupostos, a ONU (Organização das Nações Unidas, propõe cinco dimensões para o desenvolvimento (a paz, o crescimento econômico, o ambiente, a justiça social e a democracia). Esses são descritos por Boisier (2001, p. 4) da seguinte maneira:

“1) Paz como pilar: A aproximação tradicional ao desenvolvimento pressupõe que este ocorre sob circunstâncias da paz. O desenvolvimento não pode prosseguir facilmente em sociedades onde os interesses militares estão no centro da vida; 2) A economia como o motor do progresso: O crescimento econômico é o motor do desenvolvimento. Acelerar a taxa do crescimento econômico é uma condição para expandir a base de recursos econômicos, tecnológicos e de transformação social...não é suficiente, entretanto, perseguir o crescimento econômico por si só; 3) O ambiente como uma base para a sustentabilidade. O desenvolvimento e o ambiente não são conceitos separados, nem pode haver sucesso em um, sem que o mesmo ocorra com o outro; 4) Justiça como um pilar da sociedade: O desenvolvimento não ocorre em um vácuo, nem é construído em cima de uma fundação abstrata. O desenvolvimento ocorre dentro de um contexto social específico e em resposta às circunstâncias sociais específicas... O povo é o principal recurso de um país e seu bem estar define o desenvolvimento; 5) Democracia na governança: A ligação entre o desenvolvimento e a democracia é intuitiva, por isso seu reflexo é difícil de elucidar... No contexto do desenvolvimento, a boa governança tem diversos reflexos. Entre seus projetos deve estar a perseguição de uma estratégia nacional voltada para o desenvolvimento. Projetos que assegurem a capacidade, a confiabilidade e a integridade das instituições do núcleo do estado moderno.”

Como pode-se notar, o desenvolvimento só ocorre quando há uma correlação entre diversos elementos que devem ser pensados e articulados conjuntamente, o que infelizmente não pode ser verificado na grande maioria dos destinos turísticos tradicionais. Nesse sentido, as localidades onde se desenvolve o turismo alternativo tendem a ter um desenvolvimento turístico mais adequado em um sentido holístico. Porém, é possível refletir

---

<sup>2</sup> Tradução da autora.

sobre iniciativas adotadas nas experiências de turismo alternativo que podem ser devidamente adequadas para a realidade de destinos tradicionais, a fim de que o turismo seja um vetor real de desenvolvimento local, e não apenas um instrumento de crescimento econômico.

Para isso, é necessário realizar um planejamento apropriado, levando-se em consideração os anseios e necessidades de todos envolvidos no processo. O planejamento, em sua perspectiva mais ampla, pode ser entendido como a definição da direção a ser seguida e os passos necessários para que se caminhe em tal direção. Barreto (2012, p.12) o explica da seguinte maneira

O planejamento é uma atividade, não é algo estático, é um dever, um acontecer de muitos fatores concomitantes, que têm de ser coordenados para se alcançar um objetivo que está em outro tempo. Sendo um processo dinâmico, é lícita a permanente revisão, a correção de rumos, pois exige um repensar constante, mesmo após a concretização dos objetivos.

Sendo assim, quando falamos em planejamento turístico, é essencial pensar nos objetivos que se pretendem atingir por meio da atividade turística na localidade estudada. Porém, ao mesmo tempo em que se criam planos e ações para atingir tais objetivos, deve-se ter em mente as articulações com as mais diversas áreas e atividades que dialogam diretamente com o fazer turístico, e suas devidas adequações. A visão holística é fundamental para que o turismo seja planejado de modo harmônico com as práticas econômicas, ambientais, culturais, sociais, etc.

No contexto atual, é possível afirmar que, infelizmente, no Brasil ainda são poucos destinos que tem a atividade turística planejada de modo consciente e profissional antes do início de sua comercialização massiva. Essa falta de planejamento adequado faz com que, em muitos casos, o turismo seja visto negativamente quando consideradas suas relações ambientais (sociedade, cultura, ecologia, economia).

Desse modo, é fundamental que nos locais onde é possível desenvolver planos e projetos para o desenvolvimento turístico, esses sejam traçados com foco na sustentabilidade da atividade e, conseqüentemente, das demais áreas e atividades a ela articuladas. É importante pontuar que o desenvolvimento sustentável do turismo “é aquele que atende às necessidades dos turistas atuais, sem comprometer a possibilidade do usufruto dos recursos pelas gerações futuras” (World Commission of Environment and Development, 1987).

A ideia de sustentabilidade relacionada ao planejamento turístico é bastante ampla, sugerindo a adequação do uso dos recursos turísticos no presente para que sejam passíveis de uso no futuro. No entanto, não são citadas sugestões de como seria esse uso adequado, tampouco quais recursos são passíveis de atenção no contexto turístico.

Paralelamente, o uso indiscriminado dos termos sustentável/sustentabilidade pelo senso comum, em nível global, tendo como foco principal os recursos ambientais, fez com que as demais esferas carentes de atenção, especialmente nas relações turísticas, ficassem relegadas a segundo plano.

Nesse sentido, alguns teóricos passam a buscar novas referências, que deem conta de abranger, indistintamente, aqueles recursos que são fundamentais para o desenvolvimento e a manutenção das atividades turísticas de modo harmônico entre visitantes, visitados e ambiente. Surge então o conceito de turismo responsável.

O Turismo Responsável tem como característica principal o enfoque na participação efetiva do turismo nas comunidades envolvidas, quaisquer que sejam as suas características socioculturais ou localização geográfica. O que é apregoado é um elo de ligação entre os atores inseridos no processo, onde exista um equilíbrio amplo e irrestrito de benefícios e responsabilidades, gerando assim uma atmosfera favorável às parcerias e a participação da comunidade no desenvolvimento turístico. (Oliveira e Fontana, 2006, p.05)

Na acepção do turismo responsável, nota-se um enfoque primordial nas relações sociais desenvolvidas durante a experiência turística, tendo como ponto central “o equilíbrio amplo e irrestrito de benefícios e responsabilidades”. Desse modo, tanto visitantes quanto visitados são chamados à reflexão sobre suas ações no processo turístico e às consequências das mesmas.

A OMT (Organização Mundial do Turismo) criou, ainda em 2003, um manual do turista responsável, sugerindo práticas adequadas para os viajantes que tem consciência de seu papel e de sua influência durante as escolhas e práticas turísticas. Porém, é válido salientar que, apesar do enfoque dado às relações sociais, a preocupação com o ambiente não é minimizada. Essa pode ser entendida como consequência das responsabilidades atribuídas tanto à comunidade local quanto aos turistas, pois sem a conscientização de que ambos os grupos de pessoas são partes ativas no processo, não é possível preservar os recursos ambientais.

Sendo assim, percebe-se que iniciativas, por exemplo, de buscar uma aproximação com a cultura visitada, têm despertado interesse também dentre os praticantes do turismo tradicional. Hotéis de luxo em diversos países oferecem opções de atividades como reciclagem de lixo, auxílio em cozinhas comunitárias, limpeza de jardins, entre outras que são desenvolvidas junto à comunidade anfitriã enquanto os hóspedes pagam diárias entre U\$400,00 e U\$500,00 para usufruir das acomodações e ter acesso a esse tipo de atividades (Jafari, 2010).

O equívoco, porém, acontece porque tais práticas são isoladas, muitas vezes destituídas de significados mais aprofundados. Como dito anteriormente, vivemos numa época da imagem, em que as redes sociais estão aí como uma espécie de “vigilância coletiva” onde atitudes positivas são valorizadas por meio de suas representações virtuais. Daí, muitas vezes, o interesse de se aproximar de povos ou comunidades exóticas para aquele público, com a finalidade primordial de mostrar para seus “seguidores”. De nada adianta fazer uma “ação social”, sem se preocupar com o nível de poluição gerado pelos transportes ou alojamentos utilizados. Por isso, as práticas isoladas não geram os resultados mais amplos esperados.

Daí a necessidade de se considerar o desenvolvimento em seu sentido macro, buscando entender a atividade turística realmente como um sistema, em que o todo é maior que a soma das partes. E também, focar em planejamento turístico, tanto em destinos potenciais, quanto naqueles já consolidados. Buscar ouvir e, acatar, atores locais, de diversas instâncias, mesmo aqueles que não estão diretamente envolvidos com o mercado turístico é fundamental para o turismo ter potencial para ser um dos vetores do desenvolvimento do local.

Como foi exposto anteriormente, não se trata de contrapor a forma tradicional a forma alternativa de turismo. Tanto uma como a outra tende a manter um crescimento acentuado. As formas alternativas de turismo não irão substituir a forma tradicional, tampouco deixarão de existir. Porém, é interessante notar que se tais formas alternativas tem ganhado mercado, é justamente porque cada vez mais pessoas não estão se sentindo contempladas pelo mercado tradicional.

Nesse sentido, seria interessante considerar que ações voltadas a redução de impactos ecológicos, sociais e culturais, embora muitas vezes representem custos adicionais (não exclusivamente financeiros), devem ser consideradas no processo de planejamento, visando não apenas a sustentabilidade do destino, mas também da demanda. É válido ressaltar ainda, que não existe uma fórmula certa para o desenvolvimento do turismo responsável, uma vez que cada destino, assim como cada sociedade, são únicos e devem ser considerados em suas especificidades.

O que deve ser feito, é a criação de indicadores para que destinos e equipamentos possam ser orientados para tal fim. Assim como, também, devem ser pensadas políticas públicas, nacionais e estaduais, com intuito de valorizar as ações voltadas para uma prática turística mais saudável. As formas alternativas de turismo tem muitas iniciativas que podem ser adaptadas ao turismo tradicional, a fim de que esse diminua seus impactos negativos, possibilitando que ambas formas de turismo coexistam harmonicamente de acordo com a realidade de cada localidade.

Por fim, é importante considerar que o planejamento turístico com base nos preceitos tanto da sustentabilidade quanto da responsabilidade, deve ter como objetivo o desenvolvimento do turismo como instrumento de transformação social. Em proporções individuais ou coletivas, as experiências de trocas culturais, interações sociais e ambientais e, também, o conseqüente efeito econômico devem ser estruturados adequadamente para que a atividade atinja todo seu potencial.

## **Referências bibliográficas**

Barreto, Margarita (2002). *Planejamento e organização em turismo*. 7 ed. Campinas: Papyrus.

BAUDRILLARD, Jean (1995). *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70.

BOISIER, Sérgio (1995). *Em busca do esquivo desenvolvimento regional: entre a caixa negra e o projeto político*. Caribe, Mimeo,

BOISIER, Sérgio (2001). Desarrollo (Local): De que estamos hablando? In: *Transformaciones globales, instituciones y políticas de desarrollo local*. Rosário: Editoria Homo Sapiens.

BOYER, Marc (2003). *A história do turismo de massa*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC.

CORIOLOANO, Luzia Neide (2013). *Lazer e turismo para o desenvolvimento na escala humana*. Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone Journal of Cultural Studies Vol. 1, n. 2, pp. 127-142.

JAFARI, Jafar (2010). Prefácio. In. PANOSSO NETTO, Alexandre e GAETA, Cecília (orgs). *Turismo de Experiência*. – São Paulo: SENAC.

MOESCH, Marutschka. *A produção do saber turístico*. SP: Contexto, 2000.

OLIVEIRA, Sérgio; FONTANA, Rosilene (2006). *Turismo Responsável: uma alternativa ao turismo sustentável?* Trabalho apresentado ao GT2 “Abordagem Histórico – Crítica do Turismo” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. Caxias do Sul.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura – 3ª ed. – São Paulo: Studio Nobel, SESC, 2001 – Coleção Megalópolis

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

World Comission of Environment and Development, 1987). World Comission of Environment and Development (1987). *Our common future*. Oxford, Oxford University Press.